

CORPOS E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO EM PSICANÁLISE

Joel Birman^{*}

Resumo:

Uma investigação da presença marcante de sintomas corporais em perturbações eminentemente psíquicas, na qual se articula tal presença – signo do mal-estar na atualidade, às relações entre corpo, discurso e fantasma, marcadas estas, na pós-modernidade, pelo silêncio. Nesse percurso, percorremos ainda as relações entre a psicanálise e a medicina, a partir da obra de Freud, indicando algumas transformações que tais relações sofreram até os dias de hoje.

I. Cartografia do mal-estar

A presença de sintomas corporais em perturbações eminentemente psíquicas, se considerarmos devidamente as suas formas de produção, se destacam cada vez mais na contemporaneidade. Posso enunciar ainda, sem qualquer rodeio, que tudo isso foi se impondo de maneira progressiva na cena da atualidade. A implicação gritante do registro psíquico nos diversos sintomas corporais se banalizou então, como forma privilegiada que tem sido para a manifestação do mal-estar nas últimas décadas. Percorrendo, pois, trilhas inesperadas e inéditas, configurando-se como abruptos curto-circuitos – que delinea uma forma outra de manifestação do mal-estar -, o psíquico explode de maneira sempre ruidosa no registro somático. No seu limite, no entanto, a manifestação em pauta percorre fendas marcadamente anti-expressivas, caracterizando-se principalmente pelo silêncio.

Este é o paradoxo inicial a ser enfaticamente sublinhado aqui, já que as perturbações em questão se definem como sendo sempre ruidosas e até mesmo bastante barulhentas. Porém, mas as turbulências que se manifestam

^{*} Psicanalista, Membro Efetivo do *Espace Analytique*, Presidente do *Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos*, Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

são quase silenciosas. Vale dizer, os ruídos estridentes não se articulam no campo da linguagem, de forma a se inscreverem no registro do audível.

Estou me referindo aqui ao mal-estar presente na tradição ocidental, evidentemente. Isso porque foi nessa que o somático, como emblema do mal-estar, se avoluma como terreno sintomático. Em outras tradições, consideradas até mesmo como menos desenvolvidas, o somático se manifesta sempre de forma audível, mas não silenciosa. Como se sabe, isso ocorreu também em outros momentos históricos do Ocidente e até mesmo recentemente, ainda no século XX. A indagação que se impõe aqui de imediato é o que produziria então o silêncio do somático, de maneira que esse tende a perder a sua expressividade?

A que se deve tudo isso? O que significa esta modalidade específica de manifestação do mal-estar hoje, afinal das contas? Este ensaio tem nestas indagações o seu ponto de partida e a sua instigação. Com efeito, mesmo que não se tenha aqui a pretensão de responder a isso direta e completamente, a finalidade que me orientou nesta incursão crítica foi a de procurar situar teoricamente a problemática que aqui se impõe. Para isso necessário é traçar devidamente as fronteiras dessa, para esboçar as linhas de força que seriam dela constitutivas, buscando delinear assim as suas condições concretas de possibilidade.

Para puxar aqui alguns dos fios, que possam nos orientar efetivamente no traçado daquelas fronteiras, é preciso saber se situar no espaço privilegiado de seus murmúrios, onde o referido mal-estar se materializa pela demanda de cuidados e de alívio. Vale dizer, é preciso considerar devidamente os campos socialmente definidos de sua recepção, na sua dimensão histórica, para avaliar como os diferentes discursos se defrontam com o mal-estar enunciado pelas vias do somático. A clínica deve ser então o meu ponto de partida, pois é sempre através dela que os murmúrios do referido mal-estar é enunciado e acolhido na sua turbulência, mesmo que se considere que os destinos desse tem sido sempre o do impasse no campo dos diferentes dispositivos dos cuidados.

Assim, é preciso evocar aqui e reconhecer devidamente que a manifestação do mal-estar pelas vias tortuosas do somático provoca como efeito privilegiado o desconcerto nos diversos campos da recepção clínica. Isso

ocorre ao mesmo tempo nos diferentes territórios de cuidados, ocupados pela medicina, pela psiquiatria e pela psicanálise, que não sabem bem o que fazer com isso, de diferentes maneiras.

Com efeito, se a medicina fica sempre impotente face ao corpo ruidoso mas silencioso e a psiquiatria não pode regular esse pelos recentes instrumentos da psicofarmacologia de maneira eficaz, a psicanálise centrada no campo da fala e da linguagem, em contrapartida, espera sempre de maneira incerta que o inaudível se transforme finalmente em verbo, para que se possa consubstanciar então em gestos de cuidados. Portanto, a cena da clínica se dramatiza então, pelos impasses que se multiplicam nestes diferentes campos de recepção, de maneira que a perplexidade toma literalmente a forma de corpo, que se avoluma cada vez mais nos seus efeitos de opacidade.

Em decorrência disso, as terapias corporais e outras modalidades de psicoterapias alternativas se desenvolveram neste contexto histórico, procurando responder aos murmúrios novos do mal-estar e oferecer então a esse, outros destinos apaziguadores. Para isso, fazem um apelo ao que é diretamente corporal nas suas abordagens clínicas, mesclando nas suas diversas alquimias terapêuticas os diferentes registros do natural e do místico, em proporções variadas nas suas diversas concepções, procurando atingir o corpo nas suas intervenções clínicas.

A indagação que agora se impõe é de como considerar tais impasses, isto é, qual é leitura que se deve fazer desses. Ao lado disso, como se pode abordar tal profusa produção sintomática, centrada na somática. É pelo encaminhamento devido disso que poderei traçar as fronteiras dessa problemática que anunciei acima. É o que vou empreender no que se segue.

II. Silêncio e palavra

Antes de mais nada, devemos nos indagar se estamos agora diante de algo absolutamente novo ou, então, se a problemática que nos provoca agora é mais antiga do que gostaríamos comumente de admitir. Isso porque talvez não se pode dizer de que se trata, em tudo isso, de algo absolutamente novo e inédito, no campo da psicopatologia em geral e da psicanálise em particular. Essa e aquela há muito tempo, aliás, já se voltaram para a investigação e o tratamento dos sintomas psicossomáticos. Pode-se afirmar mesmo, sem

qualquer dúvida, que foi a psicanálise quem constituiu o campo psicossomático propriamente dito, em decorrência do qual a psicopatologia se voltou também para a exploração deste novo continente do mal-estar.

Com efeito, desde pelo menos os anos 10 do século passado, com Ferenczi¹ e Groddeck,², o discurso psicanalítico começou a empreender a leitura dos transtornos psicossomáticos, que se desdobrou posteriormente na realização de pesquisas sistemáticas, tanto pela psicanálise quanto pela psiquiatria. Foi apenas entre os anos 40 e 60, no entanto, que a psicossomática enquanto tal se transformou numa especialidade propriamente dita.³

No que concerne a psicanálise se constituíram linhas específicas de pesquisa, tendo em Chicago e Paris os seus pólos mais consistentes de desenvolvimento. Construíram-se assim verdadeiras escolas de psicossomática, com hipóteses precisas sobre os transtornos em pauta, indicando, ao lado disso, modalidades particulares de intervenção terapêutica.

A leitura de Alexander e French se destacou pela diferença concisa que procurou estabelecer entre o sintoma da histeria e o sintoma psicossomático. Assim, o primeiro se caracterizaria pela presença emblemática de formas inconscientes de simbolização, no qual existia um corpo falante propriamente dito, enquanto no segundo a simbolização seria no limite inexistente e se evidenciaria o corpo silencioso,⁴ no qual o sintoma seria apenas uma descarga direta da excitabilidade psíquica. Por este viés se enunciava então a precariedade dos mecanismos de simbolização presente no sintoma psicossomático. Daí adviriam os impasses clínicos do discurso psicanalítico face a esse, que se fundaria sempre no registro simbólico para se encaminhar do ponto de vista metodológico.

Em contrapartida, Marty e M'Uzan procuraram sublinhar a presença na subjetividade de uma forma específica de pensamento dominado justamente de operatório, para interpretarem a existência enigmática dessa modalidade

¹Sobre isso, vide: Ferenczi, S. *Psychanalyse II. Oeuvres Complètes*. Volume II. Paris, Payot, 1974; Ferenczi, S. *Psychanalyse III. Oeuvres Complètes*. Volume III. Paris, Payot, 1974.

² Sobre isso, vide: Groddeck, G. *Le livre du ça*. Paris, Gallimard, 1973; Groddeck, G. *La maladie, l'art et le symbole*. Paris, Gallimard, 1969.

³ Birman, J. *Enfermidade e Loucura*. Sobre a medicina das interrelações. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

⁴ Alexander, F., French, T.A. *Studies in psychosomatic medicine*. New York, The Ronald Press, 1948.

silenciosa de funcionamento psicossomático.⁵ Seria então por este viés que a escola francesa procurou circunscrever os impasses da simbolização aqui presentes, no qual a excitabilidade psíquica se transmutava imediatamente em somatização e não mais em conversão histérica propriamente dita.

Porém, bem antes dos estudos de Ferenczi e Groddeck a problemática do corpo já estava presente no campo psicanalítico, mesmo que não tenha assumido a forma da investigação psicossomática. É bastante importante destacar isso aqui devidamente, na medida que a psicanálise empreendeu uma leitura original sobre o corpo que antecedeu em muito o discurso psicossomático. O que implica em dizer que aquela se constituiu como saber pelo enunciado de uma leitura sobre o psiquismo no qual o corpo fazia parte desse de maneira fundamental. Seria essa a novidade maior formulada pela psicanálise, como se verá ainda neste ensaio.

Entretanto, é preciso dizer logo que o conceito de corpo não se identifica mais aqui com o de somático. Nem tampouco com o de organismo. Nos defrontamos então aqui com diferentes registros conceituais, que não se superpõem absolutamente. É o que começarei a esboçar agora, no que se segue, retomando a leitura do discurso freudiano. Isso porque foi esse discurso que enunciou um outro lugar para o corpo na subjetividade, que antecedeu bastante as considerações psicanalíticas sobre a psicossomática. Essa já seria, portanto, uma derivação e um desdobramento de uma leitura anterior, que teve em Freud a sua formulação primordial.

III. Discurso e fantasma

Assim, desde o início dos anos 90, no século XIX, Freud já criticava a medicina positivista então hegemônica no campo dos cuidados. Isso porque essa se centrava apenas numa leitura objetivista dos sintomas, esquecendo-se, pois, de uma coisa óbvia, qual seja, de que era sempre pela linguagem que os enfermos comunicavam os seus males para os médicos.⁶ Estabelecia aquele então uma distinção fundamental, considerando este ponto de partida, entre a narrativa dos sofrimentos pelos enfermos, que tinham no psíquico o seu

⁵ Marty, P., M'Uzan, M. *L'investigation psychosomatique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1963.

⁶ Freud, S. "Traitement psychique" (1890). In: Freud, S. *Résultats, Idées, Problèmes*. Volume I, 1890-1920. Paris, Presses Universitaires de France, 1984.

pólo de referência, e a enfermidade, que tinha no somático o seu referente primordial.⁷ Neste contexto, o mal-estar como experiência se inscrevia sempre no registro do discurso, não obstante o fato de que o referente pudesse ser psíquico ou o somático.⁸

Esta leitura teórica de Freud implicava já numa ruptura epistemológica de grande alcance e significação. Isso porque pelo enunciado da centralidade do discurso do enfermo, na demanda de cuidados, o discurso freudiano autonomizou o registro da linguagem frente aos referenciais psíquico e somático, até então hipostasiados como campos separados nas suas positivities específicas. Pode-se entrever aqui, ainda em surdina e nas entrelinhas de formulação freudiana, uma crítica lançada contra o dualismo cartesiano, que se polarizou entre os registros do corpo e do espírito,⁹ como se sabe. Indicava então, desta maneira, que o discurso que enunciava tinha a pretensão teórica de superar tal dualismo.

Tudo isso se formulou num ensaio eminentemente clínico, referido acima, sem nenhuma conotação metapsicológica, intitulado o “Tratamento psíquico”.¹⁰ Ensaio seminal para o projeto freudiano, como se pode depreender facilmente disso, na medida que delineia que o tratamento de mal-estar será sempre psíquico, antes de mais nada, independentemente do fato que tenha como referência o corpo ou o espírito. Isso porque a fala estaria no centro da experiência da subjetividade sofrente.

Este seria o gesto fundante do discurso psicanalítico, na medida que desmapeou a tradição instituída no que concerne as relações entre o psíquico e o somático. Daí porque o ensaio em questão é seminal para a constituição de uma outra perspectiva teórica. Em decorrência disso, uma nova cartografia destes registros foi forjada em seguida, na qual o psíquico e o somático se imbricariam de maneira fundamental.

Pode-se aproximar este ensaio inicial de Freud de um outro, bem posterior, publicado em 1923, no que concerne a crítica da medicina positivista. Estou me referindo agora ao ensaio intitulado “Uma neurose demoníaca do

⁷ Freud, S. Idem.

⁸ Freud, S. Ibidem.

⁹ Descartes, R. “Méditations. Objections et Réponses” (1641). In: *Oeuvres et Lettres de Descartes*. Paris, Gallimard, (Pleiade), 1949.

século XVII”¹¹ no qual o discurso freudiano inscreveu decisivamente a psicanálise numa genealogia que teria na demonologia da Idade Média a sua origem. Isso porque ambas teriam pontos fundamentais de tangência e de superposição, de maneira a se oporem em conjunto aos pressupostos da medicina positivista.¹²

Este enunciado pode ser surpreendente pelo seu radicalismo e ousadia teóricas, na medida que inscreve a psicanálise e a demonologia numa mesma tradição, em contraposição sistemática com a medicina positivista. Como seria isso, perguntaria justamente o leitor aturdido da atualidade, mergulhado que está nas certezas do cientificismo triunfante da medicina?

O campo de tangência e de superposição entre estes discursos seria o registro do fantasma. Seria o reconhecimento da potência e eficácia desse pelos discursos psicanalítico e demonológico que lhes aproximaria de maneira decisiva, mas que, ao mesmo tempo, lhes oporiam como conjunto à medicina positivista. Isso porque essa não reconhecia mais qualquer poder ao campo do fantasma, destituído que seria esse de qualquer eficácia para a racionalidade da medicina positiva.¹³

No que concerne a isso o discurso freudiano foi enfático, não deixando qualquer lugar para dúvida, já que “a teoria demonológica daqueles tempos de trevas venceu finalmente todas as concepções somáticas do período da ciência ‘exata’”.¹⁴ Partindo dessa formulação incisiva o discurso freudiano pôde aproximar, logo em seguida, os “estados de possessão” e as “neuroses”, pela mediação da positividade evanescente denominada justamente de fantasma.¹⁵

Pode-se então depreender disso tudo não apenas que a crítica da medicina positivista seria fundante da psicanálise como saber, na medida que a constituição dessa implica no desmapeamento dos pressupostos daquela, mas também que a consideração teórica da eficácia do fantasma pela psicanálise seria, ao lado do reconhecimento do discurso na experiência subjetiva, a condição de possibilidade da disjunção epistemológica em pauta.

¹⁰ Freud, S. “Traitement psychique”. In: Freud, S. *Résultats, Idées, Problèmes*. 1890-1920. Volume I. Op. cit.

¹¹ Freud, S. “Une névrose démonique au XVII^e siècle” 91923). In: Freud, S. *Essais de psychanalyse Appliquée*. Paris, Gallimard, 1933.

¹² Freud, S. Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Ibidem.

Portanto, pelo destaque conferido aos conceitos de discurso e de fantasma na subjetividade, a psicanálise estabeleceu uma ruptura epistemológica com o campo da medicina positivista. Neste corte decisivo, no entanto, aquela visava o que estava justamente nos pressupostos dessa, qual seja, o dualismo cartesiano fundado na oposição entre os registros do corpo e do espírito. Estaria aqui a questão fundamental na elegia conferida pela psicanálise aos conceitos de discurso e de fantasma.

Foi em decorrência ainda disso tudo que, na obra inauguradora da psicanálise como saber, o discurso freudiano afirmou não apenas como os sonhos teriam um sentido¹⁶ e seriam uma realização de desejo,¹⁷ como também que isso exigia o reconhecimento teórico da ordem da linguagem e do fantasma para a fundamentação destas proposições. Para isso, no entanto, teria que se contrapor novamente à tradição da medicina positiva e ao discurso da psicologia de então, para quem os sonhos seriam produções destituídos de sentido, efeitos degradados que seriam do funcionamento cerebral.¹⁸ A psicanálise então nascente, em “A interpretação dos sonhos”, estabeleceu a sua inscrição genealógica no campo da tradição popular da leitura do sonho¹⁹, contra, pois, às tradições positivistas da medicina e da psicologia,²⁰ na medida que para a primeira os sonhos sempre tiveram um sentido e para o segundo seriam disso completamente destituídos.

Foi pela consideração acurada e sistemática destas junções e disjunções teóricas, que o discurso freudiano pôde enunciar inicialmente a tese de que o sonho e o sintoma seriam formações psíquicas equivalentes,²¹ para em seguida formular que os lapsos²² e os atos falhos²³ seriam igualmente formações psíquicas equivalentes, pela proposição de uma metapsicologia do aparelho psíquico²⁴ e a constituição do inconsciente como sendo um dos registros desse.²⁵

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Freud, S. *L'interprétation des rêves* (1901). Capítulo I. Paris, Presses Universitaires de France, 1976.

¹⁷ Freud, S. Idem, capítulo II.

¹⁸ Freud, S. Idem, capítulo I.

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem, introdução.

²² Freud, S. *Psychopathologie de la vie quotidienne* (1901). Paris, Payot, 1973.

²³ Freud, S. Idem.

²⁴ Freud, S. *L'interprétation des rêves*. Capítulo VII. Op. cit.

²⁵ Freud, S. Idem.

Em tudo isso a medicina positivista estava sempre na alça de mira do discurso freudiano. Foi pela crítica sistemática daquela que esse se constituiu, propondo uma outra cartografia para o corpo e o psiquismo, tendo na linguagem e no fantasma os seus pontos cruciais de ancoragem. A histeria, enquanto figura enigmática que era para a medicina positiva no final do século XIX, foi o disparador desta aventura teórica empreendida pela psicanálise.

IV. Intensidades

No ensaio sobre o “Tratamento psíquico” o discurso freudiano estava já centrado nos ruídos provocados pela histeria no campo da medicina positiva. Essa estava então atada numa encruzilhada de impossível saída, como se sabe.²⁶ O discurso freudiano formulou uma solução inventiva para este impasse, caracterizada pela elegância teórica e pela economia dos conceitos que enunciou.²⁷ Porém, pela mediação disso algo de bem mais fundamental foi colocado na cena teórica, de maneira inquestionável. A psicanálise se constituiu historicamente pela crítica sistemática do saber médico, pela leitura objetivamente que esse realizava das enfermidades. Com efeito, foi para destacar não apenas a posição estratégica do enfermo no processo de produção da enfermidade, mas também para enfatizar que seria para o campo da experiência imaginária daquele que a medicina deveria se voltar como prática terapêutica, além de seu evidente olhar objetivo, que a psicanálise se constituiu como saber e como experiência clínica.

Constituída na passagem do século XVIII para o século XIX, a clínica teve no colóquio singular estabelecido entre as figuras do médico e do enfermo uma de suas características fundamentais.²⁸ O procedimento do exame foi a mediação metodológica para ordenação deste singular colóquio²⁹, que

²⁶ Gauchet, M., Swain, G. *Le vrai Charcot. Les chemins imprévus de l'inconscient*. Paris, Calmann-Lévy, 1999.

²⁷ Sobre isso, vide: Freud, S. “Les psychonévroses de défense” (1894). In: Freud, S. *Névrose, psychose et perversion*. Paris Presses Universitaires de France, 1973; Freud, S. “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense” (1896). Idem; Freud, S. “L’heredité et l’etiologie des névroses” (1896). Idem; Freud, S. “L’etiologie de l’hystérie” (1896). Idem; Freud, S., Breuer, J. *Études sur l’hystérie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971; Freud, S. “Fragment d’une analyse d’hystérie (Dora) (1905). In: Freud, S. *Cinq psychanalyses*. Paris, Presses Universitaires de France, 1975.

²⁸ Foucault, M. *Naissance de la clinique. Une archéologie du regard medical*. Paris, Presses Universitaires de France, 1963.

²⁹ Foucault, M. Idem.

encontrou no modelo da anatomia patológica a sua fundação epistemológica.³⁰ Daí porque foi denominada de anátomo-clínica, pela qual a pluralidade de signos e sintomas exibidos pelos doentes remeteriam, em última instância, para uma lesão inscrita no corpo anatômico.³¹

Foi por este viés que a medicina clínica foi colocando progressivamente de lado qualquer preocupação com os registros imaginário e discursivo, sempre presentes na experiência subjetiva da enfermidade, e se voltou apenas para o registro objetivo dessa. Caberia somente o estabelecimento da relação causal entre a produção sintomática e a lesão do corpo anátomo-patológico, para que o diagnóstico definisse as devidas operações terapêuticas. A anamnese realizada pelo médico servia apenas para esboçar a história da enfermidade e assim delinear o exame clínico, que se desdobraria finalmente no diagnóstico e na prescrição terapêutica. Em decorrência disso, o enfermo como subjetividade foi sendo progressivamente excluído e silenciado da cena da enfermidade. A singularidade desse, portanto, foi progressivamente colocada de lado, excluída que era de qualquer implicação no processo de adoecimento.

A histeria foi o primeiro grande revés sofrido pela nova epistemologia da medicina, certamente, no final do século XIX. Isso porque a multiplicidade e a evanescência de seus sintomas corpóreos, mesclados que eram ainda com a grande mobilidade desses, eram irreduzíveis à qualquer explicação anátomo-patológica. Vale dizer, não existia qualquer lesão presente no corpo sofrente da histeria, que se mostrava absolutamente mudo no que concerne a isso, apesar de sua exuberante tagarelice gestual e linguageira.

Em contrapartida, a psicanálise se constituiu justamente pelo deciframento dos impasses que a histeria colocava para a racionalidade clínica. Para isso, no entanto, teve que destacar aquilo que era apenas resíduo para essa, qual seja, a tagarelice exuberante presente na experiência histérica, articulando-a com o caleidoscópio supostamente enigmático da sintomatologia corporal presente nessa. Enunciou, portanto, a existência de um corpo falante na histeria, no qual a linguagem e o fantasma forjaram as especificidades de sua anatomia imaginária.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

Pode-se reconhecer aqui facilmente como o discurso freudiano se constituiu pelo retorno que promoveu daquilo que a medicina positiva deixara de fora e que excluiu intencionalmente da experiência da enfermidade, atribuindo a isso o seu devido peso. Com isso, desarticulou a cartografia corporal estabelecida pela racionalidade médica, centrada como indiquei na anatomia patológica, enunciando, então, uma outra cartografia do corpo, na qual a linguagem e o fantasma seriam agora fundantes.

Para isso, no entanto, o discurso freudiano teria que ultrapassar diferentes limiares teóricos e ultrapassar diversos obstáculos epistemológicos. O avanço aqui não se realizou de maneira linear, num percurso simples, mas teve que seguir trilhas marcadas sempre pela tortuosidade. A complexidade caracterizou os caminhos perfilados neste processo sinuoso, apesar de que numa leitura retrospectiva a solução apareça sempre como simplificada e até mesmo óbvia. Esta ilusão se deve, contudo, à força teórica conquistada pela nova proposição num momento histórico posterior, na qual se pode evidenciar a sua elegância.

Assim, o discurso freudiano teria que ultrapassar o paralelismo psicofísico que dominava então a psicologia científica, antes de mais nada. Teria que superar ainda o dualismo cartesiano, em seguida, que fundava o dito paralelismo e estava então na base dos discursos das ciências. A racionalidade médica estava inscrita na encruzilhada delineada por estes dois obstáculos, de maneira que para desmapear a cartografia do corpo que essa propunha e enunciar uma outra implicava então em desconstruir aquilo que a sustentava.

O destaque precoce conferido ao registro da linguagem, no discurso freudiano, foi o primeiro passo teórico realizado nesta desconstrução. Pela ênfase então atribuída à fala, aquele discurso construiu uma mediação entre os pólos do somático e do psíquico, possibilitando, pois, a articulação desses num outro nível de complexidade. Presente agora como um eixo constante, ao mesmo tempo real e virtual, a linguagem lançava então as suas amarras sobre os registros do somático e do psíquico, retirando-os decisivamente de sua polaridade absoluta e excludente. As marcas das palavras passaram a se inscreverem desde então no somático e no psíquico de maneira indelével.

Este gesto teórico inaugural se realizou no início dos anos 90, nos registros clínico e teórico, tanto no referido ensaio sobre o tratamento

psíquico³² quanto no dedicado ao estudo das afasias.³³ Assim, se no primeiro Freud indicava que o mal-estar se expressava sempre pela fala, independente da referência somática ou psíquica atribuída ao tal mal-estar, no segundo a leitura das afasias foi concebida pelo enunciado do conceito de aparelho de linguagem. Nesse, os registros somático e psíquico se inscreveriam de maneira orgânica, constituindo então o ser desse aparelho. Para isso, o discurso freudiano afirmou inicialmente que a afasia era uma enfermidade eminentemente psíquica³⁴ e não apenas somática como se dizia então, para desconstruir, em seguida, as hipóteses lógica e funcional sobre aquela,³⁵ dominantes no discurso neurológico sobre aquela, para enunciar finalmente a existência de um aparelho de linguagem. Formulação ousada, certamente, na medida que possibilitou ultrapassar a oposição absoluta das substâncias corpórea e pensante, reenviando e articulando ambas agora no dito aparelho de linguagem.

Porém, este gesto inicial foi também superado, logo em seguida, pela alocação das intensidades no campo do referido aparelho de linguagem. Esse seria perpassado agora por excitabilidades que desnorteariam o funcionamento do dito aparelho. A economia intensiva permearia esse então, de forma a transformar agora o aparelho de linguagem em aparelho psíquico. Portanto, o aparelho psíquico seriam então um aparelho de linguagem mergulhado agora numa economia intensiva. Este novo gesto teórico foi realizado no “Projeto de uma psicologia científica”,³⁶ no qual Freud enunciou o novo conceito.

Introduzir a dimensão intensiva no aparelho de linguagem implicaria agora na inscrição nesse das marcas imaginárias produzidas por uma dada subjetividade, ao longo de sua história. Com efeito, os acontecimentos dessa seriam sempre permeados por intensidades, que retirariam a suposta logicidade presente na articulação daqueles e promoveriam assim os desnortamentos dessa história.

³² Freud, S. “Traitement psychique”. In: Freud, S. *Résultats, Idées, Problèmes*. 1890-1920. Volume I. Op. cit.

³³ Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891). Paris, Presses Universitaires de France, 1983.

³⁴ Freud, S. Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ Freud, S. “Esquisse d’une psychologie scientifique” (1895). In: Freud, S. *La naissance de la psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973.

No “Projeto de uma psicologia científica” estas marcas imaginárias seriam produzidas na subjetividade por traumas sexuais, decorrentes de seduções acontecidas numa infância longínqua, concebida ainda como pré-sexual, que seriam finalmente reativadas na adolescência, quando a individualidade teria atingido a maturidade gonadal. Apenas então a significação sexual do acontecimento se forjaria, produzindo o seu recalçamento e a neurose propriamente dita.³⁷ Portanto, seria a presença de tais marcas imaginárias no psiquismo, decorrentes sempre de experiências traumáticas, que desnorteariam a subjetividade pelos efeitos produzidos na economia intensiva desse.

Em “A interpretação dos sonhos”, no entanto, o discurso freudiano retificou a sua leitura sobre estas marcas imaginárias. Com efeito, essas não seriam mais agora as derivações de experiências infantis traumáticas, mas seriam sempre organizadas por fantasmas sexuais, no registro da realidade psíquica.³⁸ Seria então a produção contínua de fantasmas que inscreveria as tais marcas imaginárias e que regulariam a economia intensiva do aparelho psíquico.

V. Territórios e subjetivações

A economia intensiva foi introduzida então qui como um terceiro termo no gesto teórico fundador do discurso freudiano, mediando a relação entre linguagem e fantasma. A nova cartografia do corpo e da subjetividade pôde se delinear nesta articulação conceitual, através da qual o dualismo cartesiano foi problematizado e superado, assim como o seu correlato teórico no campo da psicologia, isto é, o paralelismo psico-físico.

Entretanto, foi com a elaboração do conceito de pulsão, nos seus diferentes momentos teóricos, que podemos indicar ainda como a teoria psicanalítica foi um esforço continuado e repetido para resolver estes impasses. Com o conceito de pulsão os obstáculos presentes no dualismo cartesiano e no paralelismo psico-físico foram problematizados em diversos níveis de complexidade, no qual corpo e subjetividade foram originalmente delineados, através de diferentes figurações metapsicológicas. Nessas, os

³⁷ Freud, S. Idem, 2ª parte.

³⁸ Freud, S. *L'interprétation des rêves*. Capítulo VII. Op. cit.

registros da linguagem, do fantasma e da economia intensiva se articulariam de diferentes maneiras, mas sempre de maneira orgânica.

Pode-se entrever aqui que o discurso freudiano procurou enunciar uma outra leitura sobre o corpo e a subjetividade que se chocava frontalmente com os pressupostos da filosofia do sujeito. Seria sempre esta tradição que estaria em foco aqui neste gesto crítico. Esse para se realizar plenamente, no entanto, deveria atravessar o impasse do dualismo cartesiano. Enuncia-se agora, portanto, que a psicanálise, com Freud, foi uma aventura teórica que procurou resolver esta problemática. Como nos disse Hyppolite, numa interpretação inventiva do discurso freudiano, esse teria sido uma tentativa incansável para articular uma filosofia da natureza com uma filosofia da cultura numa mesma totalidade.³⁹ O que está em pauta neste comentário incisivo de Hyppolite é o dualismo cartesiano, evidentemente.

Estou pressupondo aqui, é claro, que o conceito de pulsão foi o lugar teórico onde esta tentativa foi realizada com maior vigor. Nesta tentativa, a linguagem, o fantasma e a economia intensiva foram tecidos como amarras conceituais situadas na base e no horizonte de toda a construção teórica em andamento, na medida que eram as mediações fundamentais para uma outra leitura do corpo e da subjetividade inaugurados pela psicanálise.

A hipótese fundamental sustentada neste ensaio é de que o discurso freudiano construiu uma outra leitura sobre o psiquismo, no qual esse se fundaria sempre no corpo. Esse, no entanto, não é concebido como sendo um dado imediato da natureza, mas uma construção que está em permanente processo de produção. Portanto, o corpo seria algo da ordem do artifício. Em decorrência disso, pode-se enunciar que o corpo não se identifica nem com o somático nem mesmo com o organismo, mesmo que possa ser dito que se construa também à partir desses registros, de maneira indubitável. Ao lado disso, contudo, o outro se perfila também como sendo um outro pólo constitutivo do corpo, sem o qual esse não se ordenaria enquanto tal.

Diferenciando-se decisivamente então da ordem vital o corpo se constituiria como diferentes territórios, regulados cada um desses que seriam por diversas modalidades de funcionamento. Existiriam assim diferentes formas

³⁹ Hyppolite, J. "Psychanalyse et philosophie" (1955). In: Hyppolite, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

de encorpção, que não se confundiram jamais nem com o registro do organismo nem com o registro do somático. Ao lado disso, nestes diversos territórios corporais, diferentes formas de subjetivação⁴⁰ se inscreveriam, isto é, se forjariam em íntima relação como essas.

Dito de outra maneira, conceber aqui o conceito de corpo não apenas como sendo a articulação complexa de diferentes territórios, mas também como sendo organicamente inscrito como diferentes formas de subjetivação, implica em colocar incisivamente em questão a categoria de sujeito. Essa, como se sabe, se inscreve na tradição da filosofia do sujeito, estando ainda comprometida com o dualismo cartesiano. Por isso mesmo, empreender a construção de uma outra cartografia do corpo, como pressupomos tenha sido proposta no discurso freudiano, implica também no enunciado de um outro conceito de subjetividade, na medida que a categoria de sujeito seria o correlato do dualismo aqui em questão. Vale dizer, repensar o corpo como articulado organicamente com a subjetividade, implica no questionamento decisivo da categoria de sujeito.

Porém, afirmar tudo isso tem enormes conseqüências e desdobramentos, nos registros teórico e clínico, ao mesmo tempo. Com efeito, reconhecer a veracidade destas proposições implica em enunciar que, se a psicanálise se defronta hoje com impasses clínicos importantes oriundos da proliferação de sintomas somáticos, isso se deve, entre outras coisas, ao esquecimento de que o discurso freudiano se fundou pela articulação íntima entre corporeidades e formas de subjetivação, no qual se refutou a categoria de sujeito e a identificação entre os conceitos de corpo, de organismo e de somático.

Este esquecimento produzido no campo psicanalítico se deveu a uma solução de compromisso estabelecida entre a psicanálise, a ordem médica e a ordem psiquiátrica, segundo a qual essas teriam todos os direitos sobre o corpo, enquanto para aquela poderia ser concedida a hegemonia sobre o psiquismo. Assim, as ordens médica e psiquiátricas se apossaram efetivamente do corpo, mas pela sua redução ostensiva aos registros do organismo e do somático. Em contrapartida, a psicanálise ficou restrita ao

⁴⁰ Foucault, M. *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.

psiquismo desencarnado, legislando então sobre as representações psíquicas e os significantes. Com isso, as formas de subjetivação foram silenciadas na sua pluralidade, sendo então novamente o sujeito alocado no primeiro plano do discurso psicanalítico. Restabeleceu-se desta maneira, enfim, o dualismo cartesiano, que estava sempre no alvo crítico do discurso freudiano.

É para indicar como corpo e formas de subjetivação são conceitos constitutivos da psicanálise enquanto tal, que uma genealogia desses, no discurso freudiano, será aqui empreendida.

VI. Força e destinos

É pela consideração rigorosa da teoria das pulsões que se pode apreender, em estado nascente, a genealogia do corpo e das formas de subjetivação no discurso freudiano. Para isso, é importante centrar esta leitura inicialmente no ensaio metapsicológico, de 1915, intitulado “As pulsões e seus destinos”,⁴¹ na medida que esse indica já uma ruptura com a formulação inicial do conceito de pulsão⁴² e antecipa a segunda teoria das pulsões.⁴³ Como formulação de passagem, este ensaio metapsicológico possibilita entrever como o discurso freudiano retifica decisivamente a sua concepção inicial e, ao mesmo tempo, prefigura já as proposições que desenvolverá em “Além do princípio do prazer”, quando passou a opor as pulsões de vida e de morte.

O que está em pauta neste ensaio crucial? Antes de mais nada, a oposição entre as pulsões e seus destinos, como se indica literalmente no seu título, sem rodeios. O que isso quer dizer? O discurso freudiano enuncia aqui pontualmente que a força pulsional (Drang) não se identificaria mais com os seus destinos, como teria afirmado anteriormente nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”,⁴⁴ mas se oporia a esses. Isso porque os destinos das pulsões seriam derivações e produções da força pulsional, isto é, seriam transformações e remanejamentos dessa promovidas sempre pelo outro.⁴⁵

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” o discurso freudiano formulava efetivamente a existência desta força, mas a enunciava como sendo

⁴¹ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions” (1915). Freud, S. *Métapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968.

⁴² Freud, S. *Trois essais sur la theorie de la sexualité* (1905). 1º Ensaio. Paris, Gallimard, 1962.

⁴³ Freud, S. “Au-delà du principe de plaisir” (1920-). In: Freud, S. *Essais de Psychanalyse*. Paris, Payot, 1981.

⁴⁴ Freud, S. *Trois essais sur la theorie de la sexualité* (1905). 1º Ensaio. Op. cit.

algo da ordem do incognoscível, para a psicanálise, evidentemente, na medida que essa trabalhava apenas na inscrição daquela nos seus destinos, isto é, nas suas representações psíquicas.⁴⁶ Vale dizer, na concepção originária da pulsão o discurso freudiano considerava apenas a dimensão qualitativa dessa, excluindo, então, qualquer leitura quantitativa da pulsão. Estaria justamente aqui a novidade introduzida pelo ensaio de 1915, na medida que agora a consideração quantitativa estava também em pauta e isso se manteve até o final do percurso freudiano.

Portanto, isso implica em reconhecer que, no novo contexto, o discurso freudiano estaria também interessado em captar como a qualidade se constituiria à partir da quantidade, questão essa que não lhe interessava absolutamente no início de seu percurso teórico. Seria apenas neste momento que a questão da economia intensiva teria recebido uma abordagem teórica propriamente dita, estando, pois, antes disso, como uma referência presente mas, até então, não problematizada enquanto tal.

Como decorrência disso, o discurso freudiano não apenas enunciou os diferentes componentes da pulsão (fonte, força, objeto e alvo), como também formulou como esses se conjugariam na montagem da pulsão e no estabelecimento dos seus diferentes destinos.⁴⁷ Estaria condensado aqui, a questão da transformação da quantidade em qualidade, assim como a distinção entre as diversas modalidades de qualidade. Seria então a produção dos diferentes registros do psíquico e do corporal que estaria aqui em pauta, ao lado de suas imbricações cruciais.

Assim, a pulsão seria fundamentalmente uma força constante.⁴⁸ Enquanto tal faria uma permanente exigência de trabalho sobre o psiquismo, em função de sua ligação ao somático e ao organismo, onde se localizaria a sua fonte.⁴⁹ Desta maneira, como o único imperativo que lhe resta, a força pulsional faria um movimento para a descarga de sua excitabilidade, já que o organismo não disporia de reguladores dessa excitabilidade.⁵⁰ Como não existiria também o psiquismo para capturar tal excitabilidade, nas origens

⁴⁵ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions” (1915). Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁴⁶ Freud, S. *Trois essais sur la theorie de la sexualité* (1905). 1º Ensaio. Op. cit.

⁴⁷ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions” (1915). Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁴⁸ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions” (1915). Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁴⁹ Freud, S. Idem.

míticas da subjetividade, aquele deve ser constituído precisamente para regular tal exigência constante de trabalho. Portanto, se não existisse um outro capaz de acolher tal descarga de excitabilidade e de transformar assim a exigência desta força em experiência de satisfação, a tendência originária do organismo humano seria a morte, já que a eliminação total da excitabilidade implicaria nisso. A impossibilidade biológica do organismo humano de realizar a auto-regulação automática da força pulsional, conduziria inevitavelmente a isso. O conceito termodinâmico de trabalho referido aqui, no discurso freudiano, alude justamente à exigência de acolhimento e de transformação desta força constante, para que a excitabilidade não seja pura e simplesmente eliminada, na medida que isso implicaria na morte propriamente dita do organismo.

Neste sentido, portanto, a concepção de pulsão enunciada agora, no ensaio de 1915, já prefigura o conceito de pulsão de morte dos anos 20, já que a noção de força da pulsão seria então o enunciado originário da idéia de pulsão de morte. A ruptura epistemológica estaria já em andamento no discurso freudiano, na medida que agora o organismo tenderia inevitavelmente para a morte, caso não fosse sustentado pelo outro, nas possibilidades desse de inverter decisivamente a tendência para a descarga absoluta.⁵¹

VII. Vitalismo e mortalismo

Pode-se entrever aqui que a concepção de organismo que está presente de maneira implícita, no discurso freudiano dos anos 15, é bastante diferente daquela do início de sua obra, isto é, constituída desde o “Projeto de uma psicologia científica” até os “Três ensaios sobre a teoria sexual”, passando pelo livro dos sonhos. Esta é uma das razões pelas quais o ensaio sobre “As pulsões e seus destinos” já prefigura o “Além do princípio do prazer”.

Assim, inicialmente para Freud o organismo, como forma de ser da ordem vital, seria constituído como um sistema homeostático de auto-regulação, no qual existiria a afirmação da vitalidade como um imperativo insofismável. A vida séria afirmativa, poderia enunciar Freud no seu pressuposto eminentemente vitalista. O organismo como uma totalidade seria marcado pelos imperativos da ordem vital que, pela presença de uma força

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Ibidem.

vital lhe impulsionaria para vida. Por isso mesmo, aquele seria auto-regulado nos seus automatismos fisiológicos, funcionando, pois, como uma máquina homeostática.⁵² A biologia freudiana estava então permeada pelos pressupostos da fisiologia de Claude Bernard, que é, aliás, uma referência permanente em “A interpretação dos sonhos” e em outras obras iniciais de Freud.⁵³

A presença deste pressuposto vitalista no discurso freudiano se evidenciou desde o “Projeto de uma psicologia científica”, quando foi refutada a possibilidade do princípio da inércia em nome do princípio da constância, na medida que se a eliminação total da excitabilidade ocorresse a vida seria impossível. Freud retificou então a sua proposição inicial considerando devidamente a “urgência da vida” como um imperativo insofismável. Em decorrência disso, parcela da excitabilidade seria eliminada como excessiva e a outra retida, constituindo, então, a constância necessária para a homeostase da ordem vital.⁵⁴

O princípio da constância foi então articulado com a oposição prazer/desprazer, constituindo esse como princípio fundador do organismo e do psiquismo. Assim, pela retenção de parcela da excitabilidade a ordem vital estaria estabelecida desde a origem, sem qualquer dúvida. A busca do prazer e o evitamento do desprazer seriam então originários.⁵⁵

A conseqüência direta disso, para a concepção inicial de pulsão, foi a construção imediata da pulsão como uma montagem, na qual se articulariam a fonte, a força e o objeto, regulados sempre pelo imperativo do prazer e o evitamento do desprazer. A pulsão seria desde sempre um circuito pulsional, no qual a referida montagem estaria presente. Enquanto circuito a montagem da pulsão não diferenciava o registro quantitativo da força, na medida que aquela já se apresentava como inscrita no registro da representação, isto é, a pulsão já aparecia no registro da qualidade.⁵⁶ Inscrita desde sempre no

⁵² Sobre isso, vide: Canguilhem, G. *Etudes d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris, Vrin, 1968.

⁵³ Freud, S. *L'interprétation des rêves*. Op. cit.

⁵⁴ Freud, S. “Esquisse d'une psychologie scientifique” (1895). In: Freud, S. *La naissance de la psychanalyse*. Op. cit.

⁵⁵ Freud, S. Idem.

⁵⁶ Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (1905). 1º Ensaio. Op. cit.

psiquismo como representante-representação e representante afetivo a força já se perfilava, pois, na montagem do circuito pulsional.⁵⁷

O pressuposto vitalista se revelava ainda na classificação das modalidades existentes de pulsão, proposto inicialmente pelo discurso freudiano. Assim, as pulsões de auto-conservação se oporiam às pulsões sexuais,⁵⁸ no enunciado dualista de Freud, condição essa para conceber o aparelho psíquico como sendo caracterizado desde sempre pela conflitualidade. Enquanto as primeiras tinham o interesse como energia, as segundas eram investidas, em contrapartida, pela libido. Porém, a exigência teórica para a existência das pulsões de auto-conservação seria a decorrência direta da referida urgência da vida, formulada desde o “Projeto de uma psicologia científica”.⁵⁹

Assim, enquanto o eu e a consciência seriam o locus das pulsões de auto-conservação, o inconsciente seria o lugar onde se inscreveriam as pulsões sexuais. A conflitualidade se ordenaria então entre as exigências da auto-conservação e as da sexualidade, isto é, entre a urgência da vida e os imperativos eróticos. O eu e a consciência representariam então a urgência sempre presente para a conservação da vida, movendo-se, pois, pelo egoísmo, voltado que é para a auto-conservação. A sexualidade, em contrapartida, lançaria o corpo para além dele próprio, isto é, para o imprevisível do outro, impelindo-o irresistivelmente para a sua divisão e reprodução sexuada.

Por isso mesmo, neste contexto teórico, o psiquismo se polarizaria entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, formulados desde “A interpretação dos sonhos”⁶⁰ e o “Projeto de sua psicologia científica”.⁶¹ Enquanto o primeiro regularia a sexualidade e se realizaria no campo do fantasma, o segundo regularia as ditas pulsões de auto-conservação e teria no eu o seu espaço psíquico de operação.⁶²

⁵⁷ Freud, S. Idem.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Freud, S. “Esquisse d’une psychologie scientifique” (1895). In: Freud, S. *La naissance de la psychanalyse*. Op. cit.

⁶⁰ Freud, S. *L’interprétation des rêves*. Capítulo VII. Op. cit.

⁶¹ “Esquisse d’une psychologie scientifique” (1895). In: Freud, S. *La naissance de la psychanalyse*. Op. cit.

⁶² Freud, S. “Formulations sur les deux principes du cours des événements psychiques” (1911). In: Freud, S. *Résultats, Idées, Problèmes*. 1890-1920. Volume I. Op. cit.

Porém, a autonomia das pulsões de auto-conservação foi sendo colocada em questão progressivamente, quando o discurso freudiano passou a verificar como essas poderiam ser erotizadas, passando a serem também reguladas pelos imperativos do prazer e não mais apenas pelas exigências da realidade.⁶³ O campo dos fantasmas passou a impregnar igualmente o suposto enclave da auto-conservação, de maneira a erotizar as exigências da vida, permeadas desde então também pelas ânsias do prazer.

O efeito mais importante disso foi a transformação das pulsões de auto-conservação em pulsões do eu, no qual estas representavam agora a sexualização daquelas. Assim, desde agora todas as pulsões seriam sempre sexuais, mudando apenas o objeto de regulação da dita sexualidade. Com efeito, entre os registros do eu e o não-eu, as pulsões poderiam investir igualmente o eu e os objetos estranhos ao eu, sendo então reguladas pela libido do eu e pela libido do objeto. Seria o objeto de investimento agora que polarizaria e diferenciaria as diversas modalidades de pulsão.⁶⁴ Com isso, o eu e o corpo seriam essencialmente erotizados, marcados que seriam pela libido e pela pulsão sexual.

Pode-se reconhecer como aqui o pressuposto vitalista, presente desde os primórdios do discurso freudiano, se rompeu de maneira inevitável e inelutável, criando as condições de possibilidade para a incorporação de uma outra leitura da biologia naquele discurso. Este período é marcado pelo desmapeamento do discurso freudiano, já que esse abandonou um de seus suportes fundamentais. De dualista este discurso tornou-se momentaneamente monista, já que só existia agora a pulsão sexual. A conflitualidade se manteve como imperativo teórico e clínico, mas foi deslocada agora para os campos dos objetos de investimento sexual. Entre os registros do eu e do não-eu a conflitualidade foi agora irrevogavelmente lançada, sendo a repartição e a distribuição dos investimentos libidinais entre estes diferentes registros o que condensaria o conflito psíquico.

A exigência de construção do circuito da pulsão, no ensaio metapsicológico de 1915, indicava já as linhas de reformulação da biologia

⁶³ Freud, S. “Le trouble psychogène de la vision dans la conception psychanalytique” (1910). In: Freud, S. *Névrose, psychose et perversion*. Op. cit.

freudiana.⁶⁵ A oposição e a complementaridade entre os registros da força e do outro, enunciava a existência de um organismo humano incapaz de se autorregular pelos pressupostos vitalistas, já que deixado a si própria a tendência da força pulsional seria para a extinção da fonte de excitação, pelo efeito da descarga absoluta. A morte seria agora então o movimento originário do organismo humano, na medida que essa seria o resultado da eliminação excitatória e não a manifestação de qualquer intenção desse.

O conceito de pulsão de morte, em oposição agora ao de pulsão de vida, condensaria desde então a nova leitura da biologia freudiana e a retomada do dualismo. O movimento para a descarga absoluta seria realizada agora pela pulsão de morte, herdeira que é do conceito de força pulsional, a que se contraporía a pulsão de vida, operacionalizada pelo outro. A vida biológica humana estaria agora na estrita dependência do investimento erótico do outro, que ofereceria a regulação que o organismo não teria mais por si mesmo. Isso implica em dizer que a ordem da vida, no que concerne o organismo humano, dependeria estritamente de uma organização promovida pelo outro. Desta maneira, a vida humana não seria apenas algo da ordem da natureza, mas também da ordem do artifício e da construção, propiciados sempre pelo outro.

A biologia freudiana estaria marcada agora pela concepção de Bichat, segundo o qual “a vida seria o conjunto de forças que lutam contra a morte”.⁶⁶ De acordo com esta outra perspectiva, de cunho mortalista para Foucault,⁶⁷ a morte seria a marca de base do organismo humano, contra a qual a vida deveria se impor com suas forças, para ser então hegemônica. A vida seria, portanto, como forma, uma construção e um artifício, realizados sobre o movimento do organismo voltado no fundo para a morte.

Em decorrência disso, Freud realizou a sua auto-crítica sistemática em 1924, em “O problema econômico do masoquismo”.⁶⁸ Neste ensaio, o discurso freudiano descartou então para sempre a posição originária atribuída ao

⁶⁴ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme” (1914). In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973.

⁶⁵ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions”. In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁶⁶ Bichat, X. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort, et autres essais*. Paris, Flammarion, 1994.

⁶⁷ Foucault, M. *Naissance de la clinique*. Op. cit.

⁶⁸ Freud, S. “Le problème économique du masochisme” (1924). In: Freud, S. *Névrose, psychose et perversion*. Op. cit.

princípio do prazer, desde o “Projeto de uma psicologia científica”, enunciando literalmente que tinha “errado” ao retificar o princípio da inércia pela formulação do princípio da constância. Enunciava agora, em contrapartida, que o princípio originário seria o do Nirvana, pelo qual o organismo aspirava a quietude absoluta, obtido pela descarga total de excitações.⁶⁹ Evidentemente, o princípio do Nirvana foi o caminho teórico assumido pelo discurso freudiano para restaurar o princípio da inércia como originário e colocar então o princípio do prazer como secundário.

Assim, o princípio do Nirvana se enunciou aqui como sendo um terceiro princípio de funcionamento psíquico, ao lado dos princípios do prazer e da realidade. Enquanto o primeiro regularia os movimentos para a eliminação da excitabilidade da força pulsional, com vistas à obtenção mortal da quietude, os dois outros visariam impedir tal descarga pela ligação da força pulsional com objetos que possibilitariam a construção do circuito pulsional e da experiência de satisfação. Se o primeiro não reconhece a existência do outro, os demais são regulados sempre pelo outro, mesmo que a alteridade como experiência psíquica não esteja presente no registro do princípio do prazer e apenas no do princípio da realidade.

Se isso é assim, numa leitura meticulosa do discurso freudiano, é preciso agora retomar a idéia enunciada há pouco de que a vida, na condição humana, seria sempre uma construção e um artifício realizados contra o organismo voltado primariamente para a morte. Vale dizer, é preciso demonstrar agora como a vida é uma organização tecida contra o movimento primário orientado para a morte. O que significa dizer isso, afinal das contas?

VIII. Organismo, somático, corpo

Assim, se a ordem vital não mais seria auto-regulada e não mais existiria como um imperativo, como concebera o discurso freudiano inicialmente segundo os pressupostos vitalistas, isso implica em afirmar que no que tange a condição humana a vida apenas seria possível pela intervenção do outro. Seria esse, pois, como outro humano, que inscreveria decisivamente o organismo deiescente na ordem vital. Disso decorre que necessário seria a construção de

⁶⁹ Freud, S. Idem.

uma organização capaz de se contrapor ao movimento infalível do organismo para a morte, no sentido mesmo que Bichat enunciava que a vida seria “o conjunto de forças que lutam contra a morte”.⁷⁰ Esta organização condensaria, então, o conjunto de forças que lutam contra a morte, para tornar a vida, enfim, possível.

O que seria esta tal organização? Esta seria dupla, referindo-se ao corpo e ao psiquismo, ao mesmo tempo. Assim, estes seriam intimamente conjugados como registros, no discurso freudiano, como logo se verá aqui, constituindo-se num verdadeiro corpo-psiquismo, existindo em diversos níveis de complexidade. De qualquer maneira, o corpo e o psiquismo estariam no registro da ordem, polarizando a vida, que se contraporiam à desordem originária, voltada para a morte. O que implica em dizer que agora, nesta nova concepção freudiana, a vida biológica implica no prazer e na erotização promovidos pelo outro.

O corpo-psiquismo seria então um outro aparelho, que tornaria assim o organismo humano viável, do ponto de vista estritamente biológico, além, é claro, do simbólico. Sem este aparelho artificial, portanto, a vida humana seria inviável. É neste sentido que é preciso compreender que o discurso freudiano sempre designou o psiquismo como sendo um aparelho, o aparelho psíquico, numa analogia biológica evidente com os demais aparelhos presentes no organismo, como o respiratório, o circulatório, o digestivo e o nervoso. Em decorrência disso, o aparelho psíquico conjugaria sempre os registros do corpo e do psiquismo, numa organização constante, para se contrapor ao movimento originário do organismo para a morte. O tal aparelho seria então uma incrustação no organismo, promovido pelo outro, sendo, pois, algo da ordem do artifício e não mais da pura natureza.

Pode-se dizer então que nesta artificial incrustação, propiciada pelo outro, o organismo humano, marcado pela prematuridade, seria biologicamente viável. A prematuridade humana foi então definitivamente assumida e reconhecida na segunda biologia enunciada pelo discurso freudiano,⁷¹ o que não ocorrera na sua primeira concepção. Lacan teve o mérito teórico e histórico

⁷⁰ Bichat, X. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort, et autres essais*. Op. cit.

⁷¹ Freud, S. *Malaise dans la civilisation* (1929). Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

indiscutível de destacar isso desde o início de seu percurso na psicanálise,⁷² além de sublinhar posteriormente que a dinâmica vitalista da máquina homeostática não dava conta do psiquismo concebido por Freud, sendo necessário recorrer aqui à leitura biológica de Bichat.⁷³

Em decorrência disso tudo então, o corpo seria a produção de territórios no campo do organismo, resultante dos efeitos provocados pelo outro para reorientar o movimento da força pulsional voltada para a descarga absoluta. O corpo seria a tessitura de territórios diversos no campo do organismo deiescente. Com efeito, o retorno orientado da força da pulsão para o organismo, realizado sempre pelo outro, permitiria a territorialização do organismo, produzindo o corpo propriamente dito. Neste contexto, o psiquismo se forjaria como formas de subjetivação, que se inscreveriam nestes territórios corporais. Portanto, o corpo e as formas de subjetivação seriam as resultantes maiores dos destinos das pulsões, pelas quais as forças da vida se contraporiam às forças voltadas para a morte.

No entanto, o corpo é múltiplo e plural, não se restringindo, pois, a um único registro. O mesmo ocorre também com as formas de subjetivação, inscritas que seriam essas em diversas corporeidades. Teríamos, assim, diferentes territórios corporais, que se articulariam sempre com diversas formas de subjetivação. Ambos seriam resultantes, repito, dos destinos da força pulsional, na ordenação do circuito da pulsão. É o que se verá agora.

IX. Corpo no real

Para a demonstração disso tudo retomemos agora o ensaio metapsicológico de 1915, para examinar a produção dos diversos territórios corporais e das suas formas correlatas de subjetivação.

O primeiro destino ali descrito foi o da passagem da atividade para a passividade.⁷⁴ Refere-se assim o discurso freudiano ao efeito fundamental do outro como agente, que se contraporía ao movimento originário de descarga da força pulsional. Se esse movimento corresponde à pura atividade, isto é, à descarga absoluta dessa com vistas à quietude nirvânica do organismo, o outro

⁷² Sobre isso, vide; Lacan, J. “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je” (1949). In: Lacan, J. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966; Lacan, J. “L’agressivité en psychanalyse” (1949). Idem.

⁷³ Lacan, J. “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse” (1953). Idem.

impediria esta perda da força, pela ligação dessa com um objeto capaz de gerar satisfação. Seria justamente essa ligação que promoveria a passagem crucial da atividade para a passividade.

Além disso, esta primeira transformação implicaria numa segunda, descrita no discurso freudiano como sendo o segundo destino da força pulsional, qual seja, o retorno sobre a própria pessoa.⁷⁵ Portanto, a ligação da força a um objeto possível de satisfação, impedindo assim a disseminação e a perda da energia da pulsão, se desdobraria num retorno da força, agora ligada ao ponto do organismo de onde essa foi expulsa. Seria apaziguado pela satisfação, enfim, a fonte de excitação que conduzira originariamente à descarga energética.

Evidentemente, não se trata aqui de um retorno sobre uma “pessoa”, na medida que isso não existe enquanto tal neste nível de ordenação, mas de um retorno sobre o pólo de onde se produziu a emergência da força pulsional no campo do organismo. Seria a fonte de excitação que se delinaria assim como sendo o pólo destacado deste retorno, na qual se circunscreveria uma área no organismo. Essa área seria um território corporal propriamente dito, pelo qual o corpo se produziria como uma incrustação sobre o organismo. Esse seria então ocupado pelo corpo originário, que seria sempre assim um território inscrito sobre o organismo.

No discurso freudiano este registro originário do corpo foi sempre denominado de zona erógena.⁷⁶ Como se sabe, este registro seria sempre caracterizado pelo prazer de órgão,⁷⁷ marcado que seria pela pontualidade na sua circunscrição. Trata-se, pois, de um prazer local e bastante bem regionalizado enquanto território corporal.

Os pólos da excitação e da satisfação se superporiam nesta territorialização assim descrita, ao ponto de Freud enunciar que o “psíquico” encontraria em si próprio os objetos para a sua satisfação. É claro que o referido objeto foi possibilitado pelo outro, que construiu assim um circuito pulsional, como já vimos. Da mesma forma, não é o psíquico que é o agente do processo em pauta, na medida que o psíquico é o efeito privilegiado deste

⁷⁴ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions”. In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁷⁵ Freud, S. Idem.

⁷⁶ Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. 2º ensaio. Op. cit.

processo, assim como o seu correlato, isto é, o território corpóreo originário circunscrito pelo próprio retorno, isto é, pela passagem decisiva da atividade para a passividade.

Com isso tudo, no entanto, o que o discurso freudiano está descrevendo é a constituição do auto-erotismo.⁷⁸ Assim, o auto-erotismo seria a economia do prazer que se realizaria numa zona erógena, se consubstanciando, pois, como prazer de órgão. O prazer aqui seria então sempre local, no qual os pólos da excitação e da satisfação se superporiam, constituindo a corporeidade auto-erótica.

Evidentemente, como a pulsão é uma fonte constante e contínua, este processo se produziria inúmeras vezes, de maneira incessante e insistente. Em decorrência disso, se produziriam inúmeras zonas erógenas no campo do organismo, de forma que esse seria assim territorializado em diferentes áreas. As zonas erógenas se disseminariam pelo organismo, incrustando-se como territórios corporais no campo desse. Seriam produzidos assim diferentes corporeidades auto-eróticas, formas privilegiadas que essas seriam da territorialização do organismo.

Pode-se dizer ainda, sempre com Freud, que as diferentes corporeidades auto-eróticas, como territórios isolados que são, não mantêm qualquer relação entre si,⁷⁹ caracterizando-se sempre pela autonomia e a localização pontual da economia do prazer. O organismo poderia ser então infinitamente territorializado, pela circunscrição permanente destas corporeidades, ao longo de todo o percurso de uma existência. Esta ocupação seria então inesgotável, correspondendo isso a uma verdadeira colonização insistente do organismo pelo processo de produção de corpo, na medida que a exigência de trabalho da força pulsional é constante.

Portanto, esta totalidade dispersa e disseminada de zonas erógenas, incomunicáveis sempre entre si, assim produzidas, constituiriam então o registro originário do corpo. Pode-se denominar a esse de corpo auto-erótico.

Como já vimos, este território corporal seria regulado pelo princípio do prazer, que sobrepujaria o originário princípio do Nirvana. Se esse domina a

⁷⁷ Freud, S. Idem.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Ibidem.

força da pulsão em sua condição pura, na versão metapsicológica de 1915,⁸⁰ ou então a pulsão de morte, na versão metapsicológica de 1920,⁸¹ o princípio do prazer regularia, em contrapartida, o circuito da pulsão, constituído com a efetiva intervenção do outro.

A experiência alucinatória do desejo, descrita inicialmente pelo discurso freudiano em “A interpretação dos sonhos”,⁸² se construiria neste registro originário do corpo auto-erótico e seria desse constitutiva. O circuito da pulsão propriamente dita seria ao mesmo tempo o correlato e a condição de possibilidade daquela experiência. O psiquismo começa já a se esboçar aqui de maneira precisa, integrado organicamente que é ao registro auto-erótico do corpo.

Porém, antes de se referir a isso é preciso evocar que o mecanismo psíquico em pauta na sua constituição, assim como na do corpo auto-erótico, é o da incorporação. Como se sabe, o discurso freudiano se valeu de maneira imprecisa e mesmo difusa dos termos incorporação, introjeção e identificação,⁸³ se bem que a tradição psicanalítica posterior procurou devidamente diferenciá-los e inscrevê-los em jogos de linguagem bem mais rigorosos.

Assim, na leitura que aqui proponho a incorporação seria o mecanismo constitutivo do corpo auto-erótico e da sua forma de subjetivação correspondente. Isso porque seria pela incorporação que a força pulsional toma corpo propriamente dito, isto é, se materializa como corporeidade. Com efeito, pela transformação da atividade em passividade e pelo retorno sobre o próprio organismo, a força da pulsão se faz corpo pela construção de diversos territórios auto-eróticos, sempre dispersos e disseminados.

A forma de subjetivação em pauta aqui seria o eu real originário. O discurso freudiano começou apenas a se referir a esse nos anos 14⁸⁴ e 15⁸⁵, quando começou a problematizar de maneira mais aguda e crítica a diferença entre força e circuito da pulsão. O eu real originário seria assim a formação psíquica correspondente a essa passagem crucial na economia da pulsão, pela

⁸⁰ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions”. In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁸¹ Freud, S. “Au-delà du principe de plaisir” (1920-). In: Freud, S. *Essais de Psychanalyse*. Op. cit.

⁸² Freud, S. *L'interprétation des rêves*. Capítulo VII. Op. cit.

⁸³ Freud, S. “Le moi et le ça” (1923). Idem.

⁸⁴ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme”. In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Op. cit.

qual a força da pulsão seria marcada pelo investimento erótico do outro. Daí porque a experiência alucinatória do desejo, há pouco referida, seria constitutiva do eu real originário.

Este seria também caracterizado pela pontualidade e pela dispersão, em correlação estrita que estaria com as diferentes corporeidades auto-eróticas. No seu ser não existiria no eu real originário qualquer separação espacial entre dentro e fora. Nem tampouco entre interior e exterior. Estas oposições espaciais não existiriam ainda nem para o corpo auto-erótico nem tampouco para o eu real originário. O que estaria sempre em pauta aqui seria assim a circunscrição pontual, seja como território do corpo seja como forma de subjetivação. A marca psíquica e corpórea seria a positivação efetiva destes registros.

Neste contexto, a experiência do tempo seria caracterizada pelo instante. Esse evidenciaria o impacto da transformação da força pulsional em circuito da pulsão, pela qual a experiência alucinatória do desejo e a incorporação se realizariam, tendo como positividade a produção das marcas psíquicas e corpóreas.

Portanto, os diferentes registros do corpo e do psíquico se constituem ao mesmo tempo e numa relação sempre intrincada, neste novo contexto teórico do discurso freudiano, que distinguiu definitivamente os conceitos de força pulsional e circuito da pulsão. Por isso mesmo, em “O eu e o isso”, que é contemporâneo destas transformações cruciais deste discurso, Freud pôde enunciar que “o eu é antes de mais nada corporal”.⁸⁶ Esta afirmação sublinha de maneira eloqüente esta articulação aqui sustentada de que existiria no discurso freudiano uma formulação fundamental, pela qual os diversos territórios de corpo se constituiria em relações sempre intrincadas com as formas de subjetivação.

Então, se o corpo auto-erótico seria o território corporal correlato do eu real originário, é preciso que se examine devidamente agora a construção de outros territórios corpóreos e das demais formas de subjetivação presentes no discurso freudiano. É o que se verá em seguida.

X. Corpo do prazer

⁸⁵ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions”. In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁸⁶ Freud, S. “Le moi et le ça”. Capítulo II. In: Freud, S. *Essais de psychanalyse*. Op. cit.

O terceiro destino da força da pulsão, descrito em “As pulsões e seus destinos”, é o recalque.⁸⁷ A alusão aqui a esse se refere precisamente ao que o discurso freudiano denominou de recalque originário.⁸⁸ Procurando distinguir conceitualmente entre o recalque originário e o recalque propriamente dito, o discurso freudiano concebeu a existência de dois tempos e de dois momentos presentes na operação do recalque. A existência desse como destino supõe, pois, que o recalque originário seja anterior ao recalque propriamente dito.⁸⁹

O que o discurso freudiano descreveu aqui foi a existência de uma divisão psíquica, pela qual o inconsciente, como registro psíquico, se diferenciaria da consciência e do pré-consciente, como sendo outros registros psíquicos.⁹⁰ Essa separação seria possibilitada pelo recalque originário, que contraporaria a existência de dois sistemas psíquicos, quais sejam, o inconsciente e o pré-consciente/consciência, no qual o primeiro seria regulado pelo processo primário e o segundo pelo processo secundário.⁹¹ Enquanto o princípio do prazer estaria presente no primeiro, o princípio da realidade regularia o segundo.

Estaríamos já aqui confrontados com uma outra forma de subjetivação, na qual passaria a existir a oposição entre os registros do dentro e o fora, produzidos que seriam pela divisão acima referida dos dois sistemas e registros psíquicos correspondentes. O primeiro se voltaria no fundamental para que o discurso freudiano denominou de realidade psíquica, enquanto que o segundo estaria voltado para a realidade material.⁹²

Como nos disse Freud, em “A interpretação dos sonhos”, as marcas psíquicas produzidas no aparelho de percepção-consciência (eu real originário) seriam agora, nesta nova forma de subjetivação, colocadas em séries e ordenadas em seqüências, caracterizadas pela simultaneidade e pela concatenação.⁹³ A condensação e o deslocamento seriam os mecanismos psíquicos que realizariam estas ordenações das marcas originárias,

⁸⁷ Freud, S. “Le refoulement” (1915). In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁸⁸ Freud, S. Idem.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Freud, S. “L’ inconscient” (1915). In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

⁹¹ Freud, S. Idem.

⁹² Freud, S. *L’interprétation des rêves*. Capítulo VII. Op. cit.

⁹³ Freud, S. Idem.

constituindo as inscrições psíquicas propriamente ditas.⁹⁴ Seriam essas que constituiriam as cadeias de representações psíquicas inconscientes.⁹⁵ O inconsciente, como sistema e registro psíquico, se constituiria então dessa forma.

A temporalidade, como seqüência e como seriação de acontecimentos, seria agora engendrada, pela qual se transformaria a dimensão temporal originária do instante. A condensação e o deslocamento trabalham agora sobre as marcas psíquicas originárias, tomando essas como sua matéria-prima. Para que isso seja possível, no entanto, necessário é que as tais marcas sejam consideradas como sendo equivalentes, segundo algum critério de comparação, senão a simultaneidade e a concatenação entre elas seria impossível de serem implementadas como procedimentos.

Qual seria o critério em questão? O que possibilitaria a constituição de um sistema de equivalência entre as marcas psíquicas, de maneira a transformá-los em inscrições psíquicas? Não existe qualquer dúvida de que é o prazer como critério o que possibilitaria que as diferentes marcas sejam comparáveis, não obstante a presença das suas diferenças intrínsecas. Seria então o prazer como critério o que permitiria que as marcas fossem ordenadas, por simultaneidade e por concatenação, apesar de suas diferenças óbvias.

Com isso, a parte e o todo se constituiriam como registros pela mediação estabelecida pelo prazer, possibilitando a comparação entre as diferentes experiências criados pelos diversos eu real originários. Esses, como partes circunscritas que são, seriam lançados agora numa totalidade orgânica, num processo que teria no prazer o seu critério fundamental de montagem. Porém, com isso, a parte passa a representar também a totalidade, além de continuar ainda a ser ela própria parcial, participando desde então de dois registros de existência.

Tudo isso, no entanto, terá uma outra modalidade de território corporal como sendo o seu correlato. O corpo narcísico, ou o corpo do prazer/desprazer, é a contrapartida corporal desta forma outra de subjetivação. Como se sabe, o discurso freudiano distingue devidamente o corpo auto-erótico do corpo narcísico, afirmando que seria por um novo ato psíquico que

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ Ibidem.

esta transformação crucial seria produzida.⁹⁶ Com o advento do corpo narcísico, portanto, o corpo como totalidade se ordenaria, no qual as diferentes partes e o todo estabeleceriam entre si relações intrincadas. Seria apenas aqui que o eu, narcísico bem entendido, passaria sempre a representar o corpo enquanto tal, entendido, é claro, como uma totalidade.⁹⁷

Estaríamos aqui no registro do eu ideal, no qual o eu se colocaria como sendo o seu próprio ideal,⁹⁸ não se submetendo, pois, a qualquer outro ideal que não seja ele próprio. Estamos lançados aqui irrevogavelmente no mundo da onipotência, pela qual o que é prazeroso é meu e o que é desprazeroso não é meu. Seria a presença desse critério então que diferenciaria os registros do dentro e do fora, já referida anteriormente, como ordenador desta forma de subjetivação.

Portanto, a instauração do que o discurso freudiano denominou de narcisismo primário,^{99, 100} seria constitutivo desta forma de subjetivação e de um outro território corporal. O corpo agora seria representado como uma totalidade, que se ordenaria pela mediação da imagem que lhe totalizaria enquanto tal. Essa imagem seria produzida pelo olhar das figuras parentais, que inscreve o infante no registro do eu ideal e da onipotência primária, por um gesto antecipatório enunciado pela proposição “his majesty, the baby”.¹⁰¹

Seria esta imagem que costuraria e perpassaria as diferentes modalidades de corporeidades auto-eróticas, inscrevendo-as numa totalidade unificante. Como se sabe, Lacan forjou o conceito de estágio do espelho,¹⁰² para enunciar a constituição do eu narcísico e do corpo unificado, como contrapartidas que seriam para o corpo fragmentado do auto-erotismo.

Na formulação que enuncio aqui então, o eu ideal como forma de subjetivação, correlato que seria da separação dos registros psíquicos do inconsciente e do pré-consciente/consciência, pressupõe a instauração da economia do narcisismo propriamente dito. Portanto, o narcisismo primário

⁹⁶ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme”. Capítulo I. In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Op. cit.

⁹⁷ Freud, S. Idem.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Freud, S. “Remarques psychanalytique sur l’autobiographie d’un cas de paranoïa” (Dementia paranoides) (Le President Schreber) (1911). In: Freud, S. *Cinq psychanalyses*. Op. cit.

¹⁰¹ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme”. Capítulo II. In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Op. cit.

¹⁰² Lacan, J. “Le stage du miroir comme formateur de la fonction du Je”. In: Lacan, J. *Écrits*. Op. cit.

seria no registro corpóreo o equivalente do eu ideal, que se fundaria sempre no recalque originário.

Ao lado disso, o outro mecanismo em jogo aqui seria a introjeção.¹⁰³ Seria pela mediação dessa que a imagem unificante e totalizante seria constituída, de maneira que eu e corpo agora se imbricariam como totalizações de si mesmo. Portanto, incorporar e introjetar não seriam mecanismos idênticos, mas se referem à ordens corporal e psíquica bem diferenciadas, como acabamos de enunciar. Resta-nos saber, no entanto, como a introjeção se diferenciaria da identificação,¹⁰⁴ enunciado aqui como um mecanismo psíquico outro, diverso então dos dois anteriores. É o que se verá agora.

XII. Corpo na realidade

A terceira forma de subjetivação descrita no discurso freudiano seria a do eu real definitivo.^{105, 106} Esse seria regulado pelo princípio da realidade, não se fundando mais nem na hegemonia do fantasma nem tampouco do princípio do prazer.¹⁰⁷ Existiria aqui a separação entre os registros do interior e do exterior, como dois mundos distintos e bem discriminados, pelo qual a objetividade como critério diferenciaria devidamente a interioridade (realidade psíquica) e a exterioridade (realidade material).

Nesse registro se constituiria o ideal do eu, pelo qual a subjetividade passaria a se regular por algo que a transcenderia e a ultrapassaria sempre. Isso seria uma outra forma de dizer o que fundaria a objetividade como critério, acima referida. Vale dizer, a objetividade como critério diferencial pressuporia sempre a existência do ideal do eu, como regulador cognitivo ético e estético que seria dessa forma de subjetivação.

Tudo isso pressuporia a instauração do complexo de Édipo e a constituição da diferença sexual, que marcariam o eu real definitivo para sempre. Ser homem e ser mulher seriam então atributos fundamentais do eu real definitivo, nesta forma de subjetivação.

¹⁰³ Freud, S. “Psychologie des foules et analyse du moi” (1921). In: Freud, S. *Essais de psychanalyse*. Op. cit.; Freud, S. “Le moi et le ça”. Idem.

¹⁰⁴ Freud, S. Idem,

¹⁰⁵ Freud, s. “Formulations sur les deux principes du cours des événements psychiques”. In: Freud, S. *Résultats, Idées, Problèmes*. 1890-1920. Volume I. Op. cit.

¹⁰⁶ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme”. In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Op. cit.

O destino outro da pulsão, em pauta aqui seria a sublimação, que ofereceria outras possibilidades para o retorno do recalcado, na metapsicologia freudiana.¹⁰⁸ A sublimação faria parte então da constituição da objetividade, diferenciando então a interioridade e a exterioridade. Seria pela sublimação que a subjetividade pode aceitar a existência de algo que a transcenda, nos registros ético e estético, procurando a isso corresponder como projeto existencial.

Em decorrência disso, a temporalidade passaria a se pautar agora pela existência de relações causais entre os acontecimentos, nos quais não seria apenas o prazer que estaria em pauta na leitura desses. O eu realidade definitivo se regularia então pela temporalidade, fundada essa sempre agora na causalidade, como princípio ordenador que seria do mundo.

Estamos aqui no registro do narcisismo secundário,¹⁰⁹ no qual o ideal do eu retifica sempre as pretensões do eu ideal. Pode-se depreender disso que uma outra ordem corporal estaria aqui em questão, na qual seria a realidade como princípio o que permitiria uma percepção do corpo bastante distinto daquela dotada pelo imperativo do prazer. Não se pode mais dizer aqui, neste novo território do corpo, que é prazeroso o meu e o que é desprazeroso não é meu, pois agora o eu-corpo em pauta reconhece as marcas do que é prazeroso e do que é desprazeroso, ao mesmo tempo.

Seria apenas neste registro subjetivante que as identificações propriamente ditas poderiam se constituir, como traços psíquicos referentes à diferença sexual, nos quais o Édipo estaria no seu fundamento. As identificações nada mais teriam a ver nem com as imagens narcísicas, nem tampouco com as marcas incorporadas dos objetos primordiais, diferenciando-se, pois, tanto das introjeções quanto das incorporações. Seriam aquelas então constitutivas do eu real definitivo, como forma de subjetivação, assim como de uma economia corporal na qual o prazer não seria mais o único imperativo presente.

¹⁰⁷ Freud, S. “Formulation sur les deux principes du cours des événements psychiques”. In: Freud, S. *Résultats, Idées, Problèmes*. Op. cit.

¹⁰⁸ Freud, S. “Pulsions et destins des pulsions”. In: Freud, S. *Métapsychologie*. Op. cit.

¹⁰⁹ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme”. In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Op. cit.

XII. Repetir de novo

Poderia ainda desdobrar todos estes comentários, sobre o estatuto do corpo em psicanálise, na sua articulação íntima com as diferentes formas de subjetivação, em outras direções teóricas. Porém, isso alongaria mais ainda esse ensaio, com proposições que não lhe seriam fundamentais, na medida que o que se pretendia aqui demonstrar era a existência, no discurso freudiano, de uma leitura do corpo que se articula intimamente com o psiquismo, sob a forma de diferentes formas de subjetivação.

Existiriam, assim, diferentes registros corporais formulados no discurso freudiano, que seriam rigorosamente articulados com diferentes formas de subjetivação. Seria então impossível considerar o corpo e o psiquismo de maneira separada, tal como ocorreu posteriormente na tradição do pensamento psicanalítico. Com isso, um processo de recalque deste discurso aconteceu, com as conseqüências terríveis que mencionamos no início deste percurso.

A razão disso, me parece, foi uma solução de compromisso que a psicanálise estabeleceu com as ordens médica e psiquiátrica, através da qual a essas foram atribuídas o campo do corpo e a psicanálise ficou restrita ao campo do psiquismo. Em decorrência disso, a psicanálise ficou circunscrita ao registro das representações psíquicas e dos significantes, enquanto que a medicina e a psiquiatria teriam no corpo os seus objetos de trabalho. Porém, para estas, como já vimos, o conceito de corpo seria identificado com o de organismo, enquanto que para aquela o corpo seria sempre uma produção erótica, construído sobre o organismo deiescente e voltado para a morte. O corpo, no discurso freudiano, seria então uma territorialização do organismo, isto é, uma ocupação e uma colonização desse, produzida pelo intercâmbio permanente entre a força pulsional e o outro, tendo as diferentes formas de subjetivação como o seu correlato. Vale dizer, não existiria assim corpo sem psiquismo e vice-versa no discurso freudiano, registros complementares que seriam sempre na luta trágica sempre reiniciada da vida contra a morte. A vida teria assim sempre a marca de Eros, como a sua condição de possibilidade, que se contraporía sempre à morte iminente, anunciada pela força constante da pulsão, na sua insistência sempre recomeçada.

Assim, diferentes modalidades de territórios corporais estariam sendo permanentemente constituídos, ao lado de suas correlatas formas de

subjetivação, justamente porque a pulsão seria uma força constante. Isso quer dizer que tudo isso que foi aqui descrito não se restringiria ao infante, mas se produziria o tempo todo, na medida que a pulsão como força constante impõe a exigência de trabalho ao outro como imperativo. O que implica ainda em afirmar que o corpo seria marcado pela mobilidade permanente, não obstante o fato de que, pelos critérios narcísicos do eu, a subjetividade não possa reconhecer esta mobilidade que seria constitutiva da corporeidade.

Contudo, a leitura freudiana do corpo, articulado sempre com as formas de subjetivação, implicou também na crítica do dualismo cartesiano, como se viu acima. Sem essa crítica, portanto, o conceito de corpo em psicanálise não poderia ser diferente do conceito de organismo, nem aquele ser a territorialização desse. Seria pela crítica do dualismo cartesiano que o discurso freudiano pôde construir uma leitura original do psiquismo, como forma de subjetivação, na medida que pôde empreender, enfim, uma outra leitura do corpo como territorialização do organismo.

Foi preciso repetir aqui este percurso intrincado, mais uma vez, trilhando os diferentes territórios corporais e os sulcos de suas diversas formas de subjetivação, para poder retomar, de maneira eloqüente, os fios constituintes da tradição psicanalítica e contribuir para desenovelar assim os nós produzidos no campo do mal-estar na atualidade. Isso porque, como se sabe, é necessário repetir para perlaborar,¹¹⁰ possibilidade única que nos resta para caminhar na obscuridade.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2001.

¹¹⁰ Freud, S. “Rémémoration, répétition, élaboration”. In: Freud, S. *La technique psychanalytique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1972.